

**“CALDEIRA EM CHAMAS”: A IGREJA PENTECOSTAL NA FORMAÇÃO DE
PORTO VELHO – 1922**

Josué Passos de Melo¹

Universidade Federal de Rondônia – UNIR

RESUMO

Depois de tentativas de se estabelecer colônias com finalidades de explorações econômicas por países protestantes, e conseqüentemente a importação do protestantismo ao Brasil por esses exploradores, é em 1810, com a formalização das alianças comerciais entre o Brasil e nações protestantes, em específico a Inglaterra, que o Brasil passou a sediar denominações protestantes efetivamente. A história do movimento pentecostal no Brasil iniciou no ano de 1910, cem anos após a permissão para a realização de cultos protestantes no território brasileiro e o advento do protestantismo. Esses dois ramos do Cristianismo se desenvolveram no Brasil com características peculiares que definem suas crenças concretas. Em Porto Velho o pentecostalismo começou no ano de 1922 com a Igreja Evangélica Assembleia de Deus sob a liderança do pastor americano Paul John Aenis. À época Porto Velho, sob a administração do padre e doutor Raimundo Oliveira, se urbanizou atendendo aos anseios uma elite nacional aqui instalada. Paralelamente, o protestantismo assistiu à elite estrangeira adepta das Igrejas Anglicana e Batista. O pastor americano Eurico A. Nelson da Igreja Batista fundou o primeiro templo da denominação em 1921. Enquanto o catolicismo e o protestantismo se fixaram na área central de Porto Velho, a Igreja Assembleia de Deus se estabeleceu no limite onde o centro e a periferia se divisavam e onde os marginalizados se refugiavam, o bairro Mocambo. Na atualidade a Assembleia de Deus prosseguiu sua missão se estabelecendo em outros recantos e para outros marginalizados.

Palavras-chave: História; Religião; Protestantismo; Pentecostalismo; Porto Velho; Assembleia de Deus.

¹ Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Rondônia; Bacharelado em Teologia e Especialização em Ciências da Religião pela Universidade Metodista do Estado de São Paulo.

ABSTRACT

After attempts to establish protestantism in Brazil, is in 1810, with the blessings of business alliances between Brazil and nations Protestants, in particular to England, that Brazil became a host protestant denominations effectively. The history of the pentecostal movement in Brazil began in the year 1910, one hundred years after the advent of protestantism. These two branches of Christianity have developed in Brazil with peculiar characteristics that define their beliefs concrete. In Porto Velho the pentecostalism began in the year of 1922 with the Evangelical Church Assembly of God under the leadership of pastor Paul American John Aenis. The season Porto Velho, under the administration of Father and doctor Raimundo Oliveira, it has been crumbling since a national elite. In parallel, the protestantism saw the elite foreign supporter of Anglican Churches and Batista. The pastor Eurico A. Nelson of the American Baptist Church founded the first temple of the title in 1921. While catholicism and protestantism have set themselves in the central area of Porto Velho, the Church Assembly of God has been established at the limit where the center and the periphery if seemed to be unreachable and where the marginalized if they trusted, the bairro Mocambo. In actuality the Assembly of God continued his mission is establishing in other nooks and for other marginalized.

Key words: history, religion, protestantism, pentecostalism, Porto Velho and Assembly of God

Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar línguas diferentes, conforme o Espírito os capacitava a falar.
(Bíblia Sagrada, Lucas em Atos dos Apóstolos 2.4).

INTRODUÇÃO

A Religião Cristã constitui-se em uma temática cujo escopo histórico é muito amplo. Dessa maneira, nossa proposta consiste em fazer um recorte, dentro do Cristianismo, separando dele, para fins de estudo, o protestantismo e, de maneira mais enfática, o pentecostalismo. A História do Movimento Pentecostal possui muitas faces. Por essa razão, nos limitamos ao tema da História do Pentecostalismo e sua participação na formação de Porto Velho, em torno do ano 1922, ano da fundação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Maior expressão pentecostal até nossos dias em Porto Velho e no Brasil.

O binômio “Caldeira em chamas”, utilizado como parte do tema deste artigo é uma alegoria sobre o complexo que serviu ao projeto econômico da região durante o chamado I Ciclo da Borracha, a Ferrovia Madeira Mamoré. As locomotivas da época, para movimentar seu motor, precisavam produzir vapor a partir da fornalha abastecida à lenha que fervia a água depositada na caldeira da máquina. No imaginário pentecostal “chamas” traduzem o fervor e o comprometimento com a fé, além de ser um dos símbolos do Espírito Santo, Ser divino presente no evento que se tornou o mito fundador desse recorte do Cristianismo.

Faremos um percurso na bibliografia e verificar como se deu a implantação do Movimento Pentecostal em Porto Velho, representado pelo viés da denominação Evangélica Assembleia de Deus. Contudo, na atual bibliografia regional não há alusões substanciais a essa temática. Os poucos registros que existem, não chegam a ser uma visão da importância dessa manifestação social e religiosa. Tal ausência de fontes se caracterizou como o maior obstáculo à conclusão desse trabalho.

O PROTESTANTISMO NO BRASIL E A ASSEMBLEIA DE DEUS

Para nossa inserção na verificação da gênese histórica que em síntese busca resposta para compreender como ocorreu a disseminação religiosa, de um determinado recorte do Cristianismo na cidade de Porto Velho, Rondônia, e sua

relação com o desenvolvimento urbano da cidade assim como, identificar suas motivações, é que utilizaremos os referenciais teóricos para definir os conceitos aplicados que explicitaremos a seguir.

Utilizaremos o conceito de religião segundo a definição deste termo construída pelo sociólogo Émile Durkheim na obra *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Para Durkheim (2003) uma atitude, em relação à busca de uma definição de religião, deve ser a de que toda concepção pré-concebida deve ser abandonada:

Consideramos as religiões em sua realidade concreta e procuremos destacar o que elas podem ter em comum; pois a religião só pode ser definida em função das características que se encontram por toda parte onde houver religião. (DURKHEIM, 2003, p. 4).

Durkheim (2003) define que:

uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem.(DURKHEIM, 2003, p. 32).

Esses valores, “crenças” e “práticas” religiosas se mostrarão com características peculiares no pentecostalismo da Igreja Assembleia de Deus. O que é um diferencial em relação aos outros modelos protestantes.

Há de se fazer uma distinção entre Igreja Pentecostal e Igreja Protestante. Esta última surge do movimento de Reforma na Igreja Católica Apostólica Romana, a revelia dela, que se encenou no século XVI na Europa e que se desdobrou nas igrejas luteranas, presbiterianas, batistas e como última, considerada protestante, os metodistas. Estas denominações são muito expressivas no Brasil. Somam-se ao portfólio protestante outras denominações protestantes menos conhecidas no Brasil.

As igrejas pentecostais são aquelas que se organizaram a partir das igrejas protestantes históricas, influenciadas, no século XIX e início do século XX, pelos movimentos *Holines* americano. Em português, santidade. No pentecostalismo o grande destaque é a crença nos dons carismáticos que é incentivada e seu exercício é parte essencial da liturgia do culto.

Na Igreja Pentecostal Assembleia de Deus se acredita que os dons carismáticos, muito comuns no cotidiano dos apóstolos de Jesus no primeiro século de nossa era, são contemporâneos e é estimulado o seu exercício e

desenvolvimento, principalmente por ocasião da celebração do culto. Como, por exemplo, os dons de curar instantaneamente e sem intervenção médica profissional, pessoas acometidas por enfermidades. Em casos específicos, crê-se curar doenças que nem a medicina poderia prover a cura.

Crê-se também no dom de falar outras línguas, que não aquela cotidianamente usada pelo crente. Esses idiomas, como manifestação de um dom religioso, são ininteligíveis tanto para aqueles que os falam como para aqueles que os ouvem. Deriva daí que essas línguas, mesmo que se prove totalmente desconhecidas, são consideradas pelo crente como existentes, pois são, segundo a crença, as línguas dos anjos. É importante ressaltar que a expressão desses idiomas não resulta de qualquer ação pedagógica humana, vale dizer, não são aprendidos, pois resultam da manifestação de dom divino, crido como uma concessão do Espírito Santo.

Além desses dons carismáticos há vários outros que constituem o conjunto de crenças dos pentecostais que os distinguem das demais denominações evangélicas. Esses dons são tomados como uma concessão exclusiva para os cristãos do século primeiro, em específico os apóstolos. Não nos ocuparemos, porém, desses dons, para não tornar o trabalho excessivamente extenso e árido e, principalmente, porque pouco contribuiria com o objeto de nossa compreensão.

O PENTECOSTALISMO

O conceito que utilizaremos de pentecostalismo, que define a doutrina e será tratado de agora em diante como sinônimo de pentecostal. Guiar-nos-emos pela definição de Oneide Bobsin na obra *Correntes Religiosas e Globalização*. Para Bobsin (2002):

... a) forte tradição oral, com destaque para a experiência religiosa emocional em detrimento da racionalidade ocidental; b) desenvolvimento em contextos urbanos, alcançando as camadas pobres da população; c) espontaneidade litúrgica, enfatizando o canto e a música, com ritmos populares; d) nas primeiras gerações, forte socialização dos meios de produção simbólicos; e) ênfase no Batismo do Espírito Santo, que distribui dons, destacando-se a glossolalia e a cura como selos de sua presença; f) desempenho de funções terapêuticas; g) ênfase na segunda vinda de Cristo e um suposto desinteresse pela política, embora apoiando quase sempre os setores políticos conservadores, principalmente suas grandes lideranças que divergem sempre mais de posturas de base; h) bastante hierárquico no plano institucional, compensando este verticalismo com uma “democracia”

dos dons no plano espiritual; i) marcadamente anti-ecumênico, desferindo ataques contra o catolicismo santorial e o papa, além da concorrência entre iguais – concorrência intrapentecostal. (BOBSIN, 2002, p. 65).

É muito forte entre os vários ramos pentecostal a ênfase nos dons carismáticos concedido pelo Espírito Santo. O ensino dos dons do Espírito Santo foi difundido pelo Apóstolo Paulo em suas epístolas que compõem os livros do Novo Testamento. Também, seu companheiro de viagens missionárias, um grego, médico de profissão, Lucas. Este foi autor do Evangelho de Jesus segundo Lucas e, também do Livro dos Atos dos Apóstolos. Todos do Novo Testamento.

Lucas descreve no capítulo dois do livro dos Atos dos Apóstolos, a ocasião em que o Espírito Santo se manifesta sobre os apóstolos e discípulos reunidos em um cenáculo, inclusive sobre Maria mãe de Jesus. Todos foram “cheios” do Espírito Santo e começaram a falar em idiomas que não eram os seus, sendo reconhecidos e entendidos pelas pessoas que visitavam Jerusalém naquela ocasião e que identificaram naquelas falas o idioma de sua nação. Esse dia em que os cristãos tiveram essa experiência mística era o dia da festa da religião judaica denominada Pentecostes. Esta festa era celebrada cinquenta dias após a festa da Páscoa. Como era comum, nesse dia em específico, pessoas de muitas nações estavam em Jerusalém celebrando o Pentecostes.

O pentecostalismo surge no Brasil somente a partir de 1910. Cem anos depois da assinatura do Tratado de Comércio e Navegação, chegam ao Brasil dois missionários suecos, representantes do recente Movimento Pentecostal dos Estados Unidos da América: Daniel Berg e Adolph Gunnar Vingren. Os dois missionários se instalam na Igreja Batista em Belém do Pará que era liderada pelo Reverendo Eurico Nelson. Os primeiros atos de Berg e Vingren foram aprender o idioma brasileiro e conseguir um emprego. Era necessário difundir a doutrina pentecostal na língua do povo e assim arregimentar fiéis. Nas palavras do próprio Berg (1959, p. 50): *A princípio Vingren relutou diante do fato de eu ter de trabalhar, pois estávamos ali para ganhar almas para Jesus, e não para trabalhar em fundição.*

O objetivo de “ganhar almas para Jesus” se caracterizava em espalhar filiais da Assembleia de Deus por todo o Brasil. Porto Velho estava na rota desse objetivo.

**CIDADE DE PORTO VELHO E A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS:
URBANIZAÇÃO E PROSELITISMO**

A área urbanizada de Porto Velho só alcança o *status* de cidade a partir de 1919, por força da Lei nº 1.011, de 7 de setembro de 1919, assinada pelo Governador do Estado do Amazonas doutor Pedro de Alcântara Bacellar. À época o prefeito, que recebia o nome de superintendente, era o doutor Joaquim Augusto Tanajura, eleito para o triênio 1917, 1918 e 1919. A gestão de Tanajura foi a segunda de Porto Velho como município autônomo, cuja administração já se sobrepunha ao complexo da Madeira-Mamoré desde 1914, ano em que Porto Velho nasce como município em virtude da Lei estadual nº 757, de 02 de outubro de 1914. Joaquim Augusto Tanajura foi o primeiro gestor do município de Porto Velho que ascendeu ao cargo sendo eleito.

A cidade de Porto Velho passa pelo segundo sufrágio, no qual é eleito para exercer a função de prefeito, o padre e doutor em teologia Raimundo Oliveira. Eleito pelo voto popular em 1º de dezembro de 1919 pelo Partido Republicano Conservador. Seu mandato se estenderá do ano de 1920 a 1922. Raimundo Oliveira foi o quarto prefeito de Porto Velho. É durante o seu mandato que são fundadas, em Porto Velho, a Primeira Igreja Batista, em 16 de outubro de 1921, sob a direção do Reverendo Eurico A. Nelson e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, no dia 28 de fevereiro de 1922.

Vale salientar que a Igreja Batista, antes de sua fundação oficial em 1921, já realizava cultos, com a permissão do senhor W. J. Knox Little, desde 1919, nas dependências da Associação Instrutiva, Recreativa e Beneficente de Porto Velho, o Clube Internacional.

Na gestão de Raimundo Oliveira, Porto Velho passa por significativas transformações urbanas e sociais. É extinta, pela Lei número 1.126, de 5 de novembro de 1921 e restabelecida pela Lei número 1.133, de 7 de fevereiro de 1922 a Comarca de Porto Velho. Havia sido encerrada, passando, assim a ser subordinada à Comarca de Humaitá.

Foi considerado o *candidato da conciliação* (HUGO 1959, p. 248), que faria a mediação entre a administração da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e os interesses do município de Porto Velho. Conforme Fonseca (2007, p. 128) a administração da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré resistia ao poder administrativo do prefeito de Porto Velho Major Guapindaia, impedindo o exercício jurisdicional

sobre a área que estava sob a administração da ferrovia. O propósito de Guapindaia não foi alcançado nessa gestão que durou de 1914 a 1916, mesmo utilizando a força.

A atuação de Raimundo Oliveira como gestor público valeu elogios da imprensa, publicada no jornal Alto Madeira edição de 31 de dezembro de 1922 (HUGO 1959, p. 249).

O que de concreto se pode constatar é que o prefeito e padre doutor Raimundo Oliveira fez foi muito generoso para com o *patrimônio da paróquia* (HUGO 1959, p. 250) ao conceder, por força da Lei 128, de 29 de julho de 1921, um terreno, onde foi lançada a pedra fundamental da Igreja Matriz Católica, que atualmente é a Catedral Sagrado Coração de Jesus, no Centro de Porto Velho. Silva (1991, p. 108) nos lembra que: *O padre Raimundo Oliveira foi o vigário que lançou a pedra fundamental da catedral de Porto Velho, em 03 de maio de 1917.*

O padre Raimundo Oliveira, também deixa seu legado na educação, muito precária e escassa nos idos das décadas de 10 e de 20 em Porto Velho. Ele inaugura um *curso gratuito e público de catecismo e civilidade* (HUGO 1959, p. 252) e intencionava a criar um orfanato. Lima (2012, p. 70) informa que na gestão de Raimundo Oliveira, no ano de 1921, foi fundada a *Escola Particular Gratuita 'Tobias Barreto'*. Contudo, o autor da bem feitoria foi o Juiz de Direito Artur Virgílio do Carmo Ribeiro, sendo este, também o diretor da escola, que funcionava nas instalações do Clube Internacional. A clientela dessa escola eram os filhos da elite de Porto Velho e só comportava 50 alunos.

Ainda nessa gestão, em 1922, foi fundado o Colégio Dom Bosco, sediado ao lado da Igreja matriz. Porém estava sob a tutela dos padres salesianos liderados pelo padre João Nicoletti.

O propósito de transformar Porto Velho em um centro urbano semelhante à infraestrutura existente na área da administração da Madeira-Mamoré era perseguido desde a gestão do prefeito Major Guapindaia. Era necessário transpor dois obstáculos: consolidar a discricionariedade da gestão pública na área da Ferrovia e dá destino ao contingente empobrecido que permeava o centro de Porto Velho. De acordo com Fonseca (2007, p. 97): *Nesse caso, as propostas de renovação do espaço urbano, prescreviam o afastamento da pobreza do centro da cidade.*

Porto Velho nasceu com essa dualidade já instalada intestinamente. *Pode-se verificar que o ordenamento proposto à urbe não se aplica a toda ela. A cidade de Porto Velho já nasceu dupla, isto é trazendo como marca principal o antagonismo social e espacial.* (NOGUEIRA, 2012, p. 110).

A força das delimitações urbanas protagonizada pelos prefeitos de Porto Velho nas duas primeiras décadas do século XX afugentou o espectro miserável do centro da cidade para as regiões periféricas e insalubres. Não havia lugar para a pobreza na nova Porto Velho que se estava construindo. A alternativa para esse exército de miseráveis, segundo Nogueira (2012, p. 113) é que: *O subúrbio tornou-se, em Porto Velho, um modelo alternativo de sobrevivência à vida urbana e foi visto como forma de territorialidade reivindicada pelas marcas culturais nas áreas periféricas.* Nesse caldo de disputa pelo espaço em Porto Velho é que nasce o bairro denominado de Mocambo.

É nessa confluência formada pela exclusão social e disputa pelo espaço urbano em Porto Velho que surge a Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Parecendo ser propositadamente, seu primeiro templo foi erigido à entrada da área da cidade considerada espaço de *transgressores* (NOGUEIRA, 2012, p. 116). Situado à Rua sete de Setembro com a Rua General Osório, o templo da Assembleia de Deus marcava o limite do bairro Mocambo e o início da área central de Porto Velho, onde estavam os escritórios, comércios, repartições públicas, centros de lazer, escolas, igreja católica, igreja batista e residências da elite da cidade.

Em contra partida, no bairro Mocambo, se instalaram os batuques da Religião Afro-Ameríndia, os bares e cabarés frequentados por pessoas consideradas de baixa estirpe. *Porto Velho então, era um outro mundo, composto por pequenos mundos isolados.* (FONSECA, p.12). Propenso, ainda à outras gênesis sociais e religiosas. Diga-se de passagem, de origem estrangeira, como produto *importado* (FONSECA, p. 10).

Não bastava ter praticado um desvio de conduta para ser classificado como uma pessoa nociva ao convívio social com a elite. Nascer pobre ou exercer uma profissão que exigisse pouca ou nenhuma especialidade impunha à pessoa a marca que o tornava um excluído. Conforme Fonseca (2007, p.110): *Essa construção imaginária do trabalhador será conduzida para Porto Velho através dos engenheiros*

e administradores da ferrovia e dos políticos e técnicos nacionais que na localidade trabalharam.

Nos anos de 1922, Porto Velho estava situado em terras que pertenciam aos estados do Mato Grosso. A Assembleia de Deus se instala na cidade, sendo representada pelo missionário americano Paul John Aenis. Pelo período de dois anos Paul Aenis administra a Assembleia de Deus, que à época, era a única representação pentecostal em Porto Velho. Conforme Conde (1960, p. 74): *As atividades da igreja em Porto Velho se estenderam a outros lugares, não só aos centros populosos, como também aos seringais e às populações.* Paul Aenis não começou do zero: *Não se sabe quem evangelizou os crentes que ele ali encontrou* (OLIVEIRA 1998, P. 93). Araújo (2011, p. 163) narra que: *Aenis chegou a Porto Velho em 1921. Na época, essa cidade pertencia ao Estado do Amazonas, e seu prefeito era um padre católico.* Já havia uma comunidade formada que não pertencia a nenhuma das duas denominações que existiam por aqui, a igreja católica e a igreja batista. *Aenis..., depois de andar pelas estradas por três dias, encontrou José Marcelino da Silva que se havia convertido numa igreja na costa do país.*

Nos primeiros meses da presença do missionário americano em Porto Velho e, em função da natureza da sua chegada, ele não foi bem visto pelo padre católico e prefeito da cidade: *Tendo toda a autoridade em suas mãos, o padre podia facilmente expulsar Aenis.* (ARAUJO 2011, p. 163). O prefeito de Porto Velho, no triênio de 1920 a 1922, segundo Lima (2012, p.70) era o padre doutor Raimundo Oliveira.

Para os pentecostais, qualquer divergência à sua pregação é encarada como perseguição. Não foi diferente com Aenis em Porto Velho. A solução é encontrada em uma intervenção direta de Deus contra os seus algozes. Araújo (2011, p. 164) nos informa: *Deus lhe repreendeu: ‘Por que você teme este homem? Você tem a Palavra de Deus, você tem a verdade. Ele precisa ter medo de você por que ele não dá crédito à Palavra de Deus’.*

Mas, há uma similaridade entre a Igreja Católica, sob a liderança do padre e prefeito Raimundo Oliveira e a Assembleia de Deus de Paul Aenis. Ambas exerciam seus serviços eclesiais onde fosse possível, uma vez que, à época, não havia muitos templos. Menezes (2001, p. 248) diz que: *As práticas religiosas da Igreja Católica, ao tempo dirigidas pelo Padre Dr. Raimundo Oliveira, se realizavam no*

Clube Internacional, em casas residenciais e ao ar livre. A disputa pelo espaço urbano e pela filiação dos fiéis favoreciam a “oposição indireta” sofrida por Paul Aenis cujo o templo era uma ...Construção da taipa, cobertura de zinco, sendo este o precursor de um outro que foi construído na convergência da Rua Osório com a Avenida 7 de Setembro. (MENEZES 2001, p.249).

De certo é que a Assembleia de Deus proliferou muito entre os ribeirinhos alto e baixo-Madeira, nos lugarejos ao longo da linha de férrea da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e na cidade de Guajará-Mirim. Que foi estabelecida em 1928. Sua mensagem encontrou guarida nas mentes dos menos favorecidos que viviam nas margens da pobreza e da miséria

De 1922 a 1948, os avanços foram expressivos, valendo a Porto Velho o *status* de receber, em 1948, a Convenção de Ministros e a Escola Bíblica. Eventos estes que são preservados até a data atual com algumas alterações quanto à duração e a regionalização. São os meios como a liderança da Assembleia de Deus mantém coesa a denominação e a sua doutrina, assim com o controle sobre seus ministros, expurgando eventuais casos de distorções incorrigíveis. Daniel (2004, p. 19) justifica que essas atividades são pedagógicas e mantenedoras da identidade da instituição.

As Escolas Bíblicas ocorrem pelo período de 25 a 30 dias, conforme Araújo (2011, p. 170): *Esses períodos de dias destinados a que obreiros participem de estudos bíblicos de curta duração, quando começaram a ser realizados, duravam um mês e tinham como propósito a formação bíblico-espiritual e ministerial dos participantes.* Os pastores Manoel Cesar da Silva, Januário Norberto Soares e Juvenal Roque de Andrade, todos eles líderes da Assembleia de Deus em Porto Velho, participaram da primeira Escola Bíblica no Brasil na cidade de Belém do Pará, de 04 de março a 04 de abril de 1922, onde o preletor foi o missionário vindo da Suécia, Samuel Nyström (ARAÚJO 2011, p. 169).

Vê-se que a Igreja Assembleia de Deus faz sua preferência pelos pobres e excluídos da cidade de Porto Velho. Apesar de que o culto afro-brasileiro existente no bairro Mocambo também servia como refúgio para parte do povo que ali vivia. Essa ainda é uma característica do pentecostalismo brasileiro na atualidade. Conforme Neri (2011, p. 25), no ano de 2009, 12,56% do total de crentes pentecostais não possuía nenhum tipo de instrução ou no máximo três anos de

estudos. 16,27% teve a oportunidade de frequentar uma creche. Apenas 13,86% tiveram acesso à pré-escola. Os que frequentaram uma classe de alfabetização quando criança somam 13,41% e 13,47% quando adultos. 13,59% possuem o Ensino Fundamental e 13,42% o Ensino Médio. Somente 10,93% cursaram o Ensino Tecnológico. 14,76% fizeram um Curso pré-vestibular e 7,26% concluíram um Curso Superior. 4,20% se especializaram. 5,01% possuem Mestrado ou Doutorado. Somados, apenas 9,21% tiveram acesso ao Ensino Superior. 83,63% são distribuídos entre Fundamental e Fundamental incompleto, Médio e Médio incompleto.

Em relação à classificação econômica nesse mesmo ano de 2009, Neri (2011, p. 26) aponta que os pentecostais se concentravam nas classes E, D e C, na sua maioria e um pequeno percentual nas classes A e B. Ficando assim distribuídos: 12,51% classe E; 15,34% classe D; 12,84% classe C; e 6,29 % nas classes A e B.

Etnicamente, fiéis das igrejas pentecostais 89,98% são pessoas da cor preta, amarela, parda, indígenas e classificação ignorada. Apenas 11,02% de brancos. (NERI, 2011, p. 61). A maioria dos fiéis é formada por pessoas acima de 19 anos de idade, cerca de 72,33% (NERI, 2011, p. 60).

É possível a olho fazer uma comparação com o catolicismo que apresenta uma porcentagem muito maior, em relação à população brasileira. Conforme Neri (2011, p. 25), no ano de 2009, 69,21% do total de brasileiros católicos não possuía nenhum tipo de instrução ou no máximo três anos de estudos. 61,73% teve a oportunidade de frequentar uma creche. Apenas 65,28% teve acesso à pré-escola. Os que frequentaram uma classe de alfabetização quando criança somam 65,72% e 79,12% quando adultos. 70,01% possuem o Ensino Fundamental e 65,86% o Ensino Médio. Um total de 65,47% cursaram o Ensino Tecnológico. 64,60% fizeram um Curso pré-vestibular e 66,12% concluíram um Curso Superior. 69,77% se especializaram. 60,81% possuem Mestrado ou Doutorado.

Em relação à classificação econômica nesse mesmo ano de 2009, Neri (2011, p. 26) aponta que os católicos se concentravam nas classes E, D e C, que somados constituem na sua maioria. Contudo, um percentual expressivo se figura nas classes A e B. Ficando assim distribuídos: 72,76% classe E; 66,81% classe D; 67,41% classe C; e 69,07% nas classes A e B.

A distribuição étnica dos fiéis da Igreja Católica percentualmente em relação à população brasileira composta por pessoas da cor preta 59,24%, amarela 53,24%, parda 68,86%, indígenas 65,54% e classificação ignorada 38,60%. Os brancos católicos são de 69,91%. (NERI, 2011, p. 61). A faixa etária dos fiéis católicos é, majoritariamente adulta: entre 0 e 9 anos de idade 66,18%, dos 10 ao 19 anos 67,48%, entre 20 e 29 anos 67,02%, de 30 a 39 anos 67,19%, de 40 a 49 anos 68,79%, entre 50 e 59 anos 71,15%, entre 60 e 69 anos 73,23% e acima de 70 anos 75,53%. (NERI, 2011, p. 60).

Porto Velho figurava em 2009 como a quarta capital onde a adesão ao pentecostalismo era maior com o percentual de 19,02%. Ficava abaixo de Boa Vista/RR com 21,21%, Belém/PA com 22,99% e Rio Branco/AC com 28,43%. O que dava à Região Norte do Brasil o *status* de ter a maior concentração de fiéis pentecostais (NERI, 2011, p. 49), cuja maior representação é a Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Essa adesão à Igreja Assembleia de Deus, apesar de ser feita por pessoas na sua maioria pertencentes às camadas medianas e baixas, é vista, pelos líderes da denominação, como resultado da atuação do seu mito fundador, *O Espírito Santo*. O crescimento também se dá *por causa do seu ardor evangelístico*: fervor na captação de adeptos consistindo na *agressividade evangelística* e a fidelidade com a manutenção da doutrina conforme lhes é ensinada pelos líderes.

Outro fator que concorre para esse expressivo crescimento é a assiduidade nas reuniões e participação em todos os programas da denominação. A identificação com a realidade da população mais pobre: *Seus obreiros sabem falar a linguagem dos pobres e oferecem não só salvação para a alma, mas também esperança de cura para o corpo*. (ULTIMATO julho/agosto/20113).

Muito diferente era em 1922 para a Igreja Assembleia de Deus quando nascia e o prefeito e padre Raimundo de Oliveira, que por sua vez podia se servir a máquina pública para os objetivos da Igreja Católica (HUGO, 1959, p. 251/250).

Ao ser definido o local da construção da Igreja Católica Sagrado Coração de Jesus, por ocasião do lançamento da pedra fundamental, estão presentes representantes dos governos Federal, Estadual e Municipal, além de membros da elite local e a imprensa, que na ocasião era o Jornal Alto Madeira.

Essa parceria entre a elite e o prefeito padre doutor Raimundo Oliveira se concretiza também, na doação que o cemitério da cidade recebe do Instituto Beneficente dos Empregados da Estrada de Ferro Madeira Mamoré em 1921, de *um cruzeiro em uma de suas alamedas* (CANTANHEDE, 1950, p. 112).

Não se furta, também, ao coleguismo do prefeito Raimundo Oliveira as sessões da Sociedade Beneficente de Artista e Operários, cuja sessão de 1º de maio de 1922, segundo Cantanhede (1950, p. 113) ocorrida às 16 horas fora presidida pelo *Dr. Raimundo Oliveira*. Dessa sessão nasce o Sindicato de Artistas e Operários.

Ao deixar a prefeitura de Porto Velho no final de 1922, o prefeito e padre Raimundo Oliveira deixa o ambiente favorável à ampliação da prelazia de Porto Velho, não tão expressiva até essa data, onde as capelas existentes eram subsidiadas pela prelazia de Humaitá Amazonas e de Mato Grosso. A notícia das facilidades e recursos para esse empreendimento já havia chegado à sede da Nunciatura. Hugo (1959 v2, p. 5) nos apresenta uma carta de Dom Joffily da cidade de Manaus, onde o bispo relata tal contexto, principalmente relacionado aos possíveis ganhos que a missão católica teria com essa ampliação.

Sorte totalmente inversa teve o missionário da Assembleia de Deus Paul John Aenis, além de ter vindo só, deixado a família na cidade de Belém do Pará, padecia das necessidades que os poucos recursos não conseguiam suprir. Em Porto Velho dormia no próprio lugar onde se reunia com os membros para a realização de cultos. Além das privações com o alojamento, por meses não dispunha de alimentação adequada e em quantidade satisfatória. Como a maioria dos migrantes, padeceu com as moléstias que permeava a região.

Segundo Araújo (2007, p. 5) tal desprendimento tocava os seus ouvintes. *Aquelas pessoas ficavam sensibilizadas quando Aenis lhes dizia isso*. Eram pessoas que não podiam frequentar o Clube Internacional. Não possuíam seus nomes na lista de sócios da Sociedade Beneficente de Artistas e Operários. Eram gente do Mocambo, lugar de *transgressores*.

Seis meses depois de sua chegada em Porto Velho, tudo o que Paul John Aenis possuía... Que havia trazido consigo de Belém, chegou ao fim: até os sapatos se gastaram. Voltou para Belém, a fim de se tratar e retornar quando houver oportunidade. O que se concretizou assim que ficou curado.

Paul Aenis retornou definitivamente para os Estados Unidos da América em 1924, depois de ter consolidado a Igreja Assembleia de Deus em Porto Velho, Generoso Ponce, que depois recebeu o nome de Jaci Paraná, Guajará-Mirim e outras localidades.

Retornou a cidade de Porto Velho, uma terceira oportunidade em 1962, ocasião em que pode constatar, não apenas o crescimento do trabalho missionário iniciado por ele, como também, pode constatar o desenvolvimento da cidade de Porto Velho, que em 1962, já era o Território Federal de Rondônia. Araújo (2007, p. 6) nos informa que: *Apesar de Aenis ter sido um missionário independente, seu trabalho foi reconhecido pela liderança missionária das Assembleias de Deus brasileiras.*

O templo da Assembleia de Deus era todo em madeira, assim como era a maioria dos edifícios de Porto Velho, inaugurado em 11 de outubro de 1926 sob o pastoreio de Manoel Cezar da Silva. Conforme testemunho de Dona Judith Holder: *Os prédios, que eram na verdade casas eram construídas em madeira. Construídas pelos americanos.* O contingente estrangeiro era *muito forte*, principalmente de *americanos*. E foi o encontro entre o jovem José Marcelino da Silva e o pastor americano Paul John Aenis que marca o início da uma nova estrutura social a compor a paisagem urbana da cidade.

José Marcelino da Silva, um migrante paraense que vem para Porto Velho já convertido ao pentecostalismo (ARAUJO, 2011, p.163) a fim de exercer seu ofício de pintor, a gora junto com Paul John Aenis, se tornam *os bandeirantes* de um novo espaço de fé. Cria-se que Porto Velho detinha, apesar da já concluída construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, pessoas de muitos lugares, uma economia que ainda se mostrava atraente. No imaginário religioso desses dois personagens suas vidas se encontraram com um propósito maior. *A enxada da fé abria caminhos para as Sementes de Amor, que por sua vez, regadas pelas lágrimas da esperança, logo germinavam.* (HERMES, 1991)

Estes *bandeirantes* são recepcionados por uma população que vivencia o declínio de uma economia extrativista, onde a coleta da resina matéria prima da borracha, que havia sido a motivação para a construção da linha férrea, já não significava a garantia de sustentabilidade. Para essa população, a chegada de um missionário estrangeiro significou a expectativa de um novo tempo. Ao invés de José

Marcelino da Silva anunciar “as boas-novas” anunciou a chegada de um missionário americano. *As pessoas foram ao pequeno salão por curiosidade e assim houve uma esplêndida oportunidade para pregar-lhes a Palavra de Deus.* (ARAÚJO, 2011, p. 164). Nesse instante em meio à crise e a miséria, a Palavra de Deus não era a maior atratividade. Sim, o americano.

Contudo, depois desse contato, o foco principal direcionou-se para a prática religiosa pentecostal. Nesse primeiro momento das atividades cúlticas a casa dos irmãos foi o maior palco. A pregação evangélica prosperou. Tal fato se concretizou com o batismo de um pequeno grupo de homens e mulheres. Nove pessoas numa primeira etapa, entre eles Manoel Melgaço, José Joaquim da Silva, Maria Conceição e Rosa Lucas Silva. E, um grupo de doze pessoas posteriormente. Estava aberta, declaradamente, a disputa pelo espaço, seja ele maldito, representado pela área pobre da cidade ou sagrado, representado pelo centro das elites. Sendo este capitaneado pelo prefeito o padre Raimundo de Oliveira. No entender do missionário americano, o padre prefeito tinha poder para expulsá-lo da cidade.

Araújo (2011, p. 164) nos informa que: *Algumas vezes ele deixava a cidade para tratar de negócios em outros lugares e então Aenis ficava feliz, quando o padre retornava, ele ficava triste e amedrontado.*

Vencida esta fase, dona Judith Holder nos informa que: *Havia muita simplicidade na convivência entre a Igreja Assembleia de Deus e as outras igrejas: batista e católica.*

O proselitismo dos missionários da Assembleia de Deus se estendeu para os seringais e áreas ribeirinhas, tanto no Alto como no Baixo-Madeira. Atingiu Guajará-Mirim depois de se fixar em todas as localidades situadas às margens da linha férrea da Madeira-Mamoré. Ainda nas localidades de Boa Hora e Bom Futuro às margens do Rio Madeira. Em inúmeras oportunidades José Marcelino da Silva viajou a pé de Porto Velho, os 85 quilômetros, até Jaci Paraná para realiza: cultos e visitar os irmãos daquela localidade. (CRUZ, 1991).

Nas décadas seguintes a Igreja Evangélica Assembleia de Deus consolida sua conquista do espaço no desenvolvimento urbano de Porto Velho, o que lhe valeu a construção de um novo templo em 1952, numa área mais privilegiada, sito à Rua José de Alencar, sob o pastoreio de Joviano Rodrigues Barbosa. Inclusive com auxílio do Governo de Porto Velho na gestão do Tenente Aluizio Ferreira. No

governo do Tenente Aluízio Ferreira, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré ajudou muito a construção do templo da Igreja Assembleia de Deus, conforme testemunho de Dona Judith Holder.

Cantanhede (1950, p. 207) afirma que, em virtude dos deslizamentos frequentemente ocorridos no morro, cuja base estava localizado o primeiro templo da Igreja Assembleia de Deus, o Governador do Território Coronel Frederico Trotta permutou este terreno com um lote localizado na Rua José de Alencar. Agora o local era de propriedade definitiva da Assembleia de Deus e, apesar da pequena ajuda de material de construção recebida da Ferrovia, fora a mão-de-obra da pequena membresia que erigiu o templo.

Em 1986 foi concluída a construção de um novo templo no mesmo local. Até os dias atuais, este templo tem servido como sede da denominação.

Na gestão do pastor Leonardo Severo da Luz de 1953 à 1980 a expansão da Assembleia de Deus se fez em todo o território Rondoniense. Ele participou da abertura de vários trabalhos nas pequenas cidades que se formavam ao longo da BR-364. Organizou a Convenção dos Ministros da Assembleia de Deus de Rondônia - CEMADERON e foi durante vinte e sete anos Presidente Dessa instituição. Foi condecorado com o Título de Cidadão Honorário de Porto Velho por força da Lei nº 7 de 5 de novembro de 1970.

Conforme Cruz (1991): Com a abertura da BR-29, hoje BR 364, na gestão de Juscelino Kubitschek de Oliveira como Presidente da República e do Coronel Paulo Nunes Leal, Governador do Território do Guaporé, grande migração para Rondônia de brasileiros de todas as Regiões do Brasil, entre eles cuiabanos, capixabas, paraenses, paranaenses, baianos. Nessa leva de pessoas muitos eram crentes da Assembleia de Deus. Fez-se necessária a assistência religiosa a esse contingente. Por essa razão, de imediato organizaram-se várias congregações nas muitas vilas que se formavam ao longo da BR-364.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1810 foi o ano em que o protestantismo iniciou uma nova etapa missionária no Brasil. Antes desse ano ocorreram algumas tentativas sem muito sucesso, com perdas e baixas. No século XVI protestantes huguenotes e com a forte reação dos

portugueses se abateu sobre os huguenotes forçando-os a retirada e o fim do projeto.

Por 15 anos do século XVII Maurício de Nassau patrocinou uma tentativa de fixação protestante no Nordeste do Brasil, com sede em Pernambuco, aglomerando migrantes de várias nações protestantes.

O século XVIII, no Brasil, a Inquisição Católica atuou repressivamente, impedindo focos de penetrações missionárias protestantes.

As nações protestantes, por intermédio de tratados e alianças de cunho puramente político e econômico conseguiram inserir cláusulas que davam aos seus enviados a liberdade de cultuar e prestar serviços assistenciais religiosos aos seus cidadãos que no Brasil residiam em virtude dos interesses e necessidades comerciais, políticos e econômicos.

Um século após a assinatura do Tratado de Navegação e Comércio, o Brasil hospedou dois missionários suecos, que chegaram a Belém, capital do Pará, enviados por igrejas pentecostais sediadas nos Estados Unidos da América, eram eles Daniel Berg e Adolph Gunnar Vingren.

A partir desse evento em Belém do Pará a Igreja Assembleia de Deus começou uma empreitada missionária proselitista e agressiva, no tange a comunicação de sua mensagem e a insistência na conversão e filiação de seus ouvintes. De 1911 até 1930, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus já havia fundado filias em todos os Estados do Norte e Nordeste do Brasil, na maioria das cidades.

O pentecostalismo apresentado pela Assembleia de Deus teve maior aceitação nas camadas mais empobrecidas da população brasileira. No Norte, foram os moradores das regiões ribeirinhas, seringais e periferias das cidades onde se constata maiores índices de adesão pentecostal. No nordeste, além das pessoas das periferias das cidades, os moradores ou trabalhadores dos sertões e das áreas rurais se filiaram como crentes pentecostais.

O pentecostalismo se tornou para os pobres, miseráveis, excluídos, marginalizados, e qualquer outro tipo de vítima das mazelas geradas por forças das relações econômicas um lugar de refúgio e aceitação. Nesse ambiente esses personagens adquiriram identidade e um lugar de destaque. Deixam de ser invisíveis para uma sociedade que não os percebia, a não ser como potencial força

de trabalho barata, para se revestirem de visibilidade para outros e entre aqueles que enfrentavam as mesmas realidades, mas que agora podem pertencer a uma comunidade e se relacionarem como irmãos.

Em 1922, já passados três anos que Porto Velho havia recebido o *status* de cidade e sob a administração do padre doutor Raimundo Oliveira a cidade passa por transformações: Escolas foram abertas; clubes foram fundados; a elite de Porto Velho estava sendo assistida pelo poder público, enquanto um extrato da população se refugiava no bairro Mocambo e não lhe era oportunizado o acesso aos benefícios que o Centro da cidade oferecia. Exceto para a realização dos serviços braçais ou que não exigiam maior especialidade.

É nesse contexto que a Igreja Católica, sob a influência do prefeito que também é padre, definitivamente, consolida a propriedade da área de terra, próxima das pessoas da cidade, em que constrói, posteriormente, a sua catedral. Podendo assim, assistir à elite constituída por nacionais, residentes na cidade de Porto Velho.

Por sua vez, a Igreja Batista, sob a direção do pastor americano Eurico Nelson, recebe autorização para realizar os cultos nas dependências do Clube Internacional, até ser construído o primeiro templo. Assim, a elite estrangeira e protestante, que servia na área técnica especializada da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, poderia realizar e receber a assistência religiosa.

Esse ambiente favoreceu ao missionário Paul John Aenis que teve recepção e acolhida, se estabelecendo na confluência entre o espaço urbanizado para atender a classe mais elitizada e o espaço formado pela inserção dos menos favorecidos e marginalizados, que abriam suas veredas pelo mato e pela lama, a fim de estabelecerem.

O primeiro templo da Igreja Assembleia de Deus, marco dessa fixação no espaço urbano, sinalizava esses limites.

Na data atual, já passados 91 anos desde 1922, Porto Velho continua com a mesma maneira de ampliação do espaço urbanizado, consistindo na proliferação das invasões de terras. Primeiro são vencidos o mato e a lama terraplenagem realizada pelo povo sem espaço nas áreas centrais, depois do litigio na justiça e os enfrentamentos com a força pública de desocupação, finalizada a possibilidade de retirada, ai chega o poder público assumindo a defesa do povo.

Porém, desde o início dessas invasões, pode se perceber a Igreja Assembleia de Deus participando do processo alocando um espaço para a construção de um templo e, com isso, a formação de mais uma filial da denominação.

Quanto maior for manifestação de dons carismáticos em uma denominação ou em um pregador pentecostal, maior será o ajuntamento de pessoas em torno dessa denominação ou pregador. As mulheres não estão excluídas desse assédio, já que, também através delas os dons se manifestam semelhantemente. O que estimula a emulação em uma determinada denominação ou pregadores de se mostrarem e afirmarem possuírem maior número de dons carismáticos.

Embora não sejam aspectos políticos e sociais, fenômenos de interesse para nossa reflexão nesse artigo é importante registrar que devido à proliferação das denominações, pulverizadas nos bolsões de pobreza dos grandes centros e nas regiões periféricas dos centros urbanos menores, a concorrência pela atenção em um primeiro momento e a filiação no momento final, se faz visível entre as denominações pentecostais. Ocorre até mesmo entre pastores da mesma denominação uma concorrência acirrada, vez que quanto maior e mais poder, seja mágico ou de arregimentar fiéis, uma igreja e um pastor ou uma pastora possuírem, maiores serão as chances de se tornarem o líder maior da denominação. Há ocorrência de casos em que se desligam dessas denominações e formam a sua própria.

Essa busca pelo poder que, atualmente se mostra cada vez mais renhida e fratricida, concretiza-se com a utilização, entre outros, dos sofisticados meios de comunicação, que Bobsin denomina de *concorrência intrapentecostal*.

FONTES CONSULTADAS

ARAUJO, Israel. *100 Acontecimentos que Marcaram a História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2011.

ARAUJO, Israel. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2007.

BERG, Daniel. *Enviados por Deus: Memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1959.

BOBSIN, Oneide. *Correntes Religiosas e Globalização*. Curitiba, SC/São Leopoldo, RS. Pastoral Popular Luterana, CEBI, IEPG, 2002.

CANTANHEDE, Antônio. *Achegas para a história de Porto Velho*. Manaus: Seção de Artes Gráficas da Escola Técnica de Manaus, 1950.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ. CPAD. 1960.

CRUZ, Amadeu Hermes Santos. *90 anos da Assembleia de Deus em Porto Velho*. Porto Velho, RO. 1991. Disponível em: <<http://www.lead-pvh.com/2013/modules/news/article.php?storyid=27>> Acesso em: 19 Ago. 2013.

DANIEL, Silas. *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que mudou a face do Movimento Pentecostal Brasileiro*. Rio de Janeiro, RJ. CPAD. 2004.

DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo, SP, Martins Fontes. 2003.

FONSECA, Dante Ribeiro da. *Barbadianos: Os Trabalhadores Negros Caribenhos Da Estrada De Ferro Madeira-Mamoré*.

FONSECA, Dante Ribeiro da. *Estudos de História da Amazônia*. Porto Velho, RO. Gráfica e editora Maia. 2007.

HUGO, Vitor. *Desbravadores*. V. 1. Humaitá, AM. Edição da Missão Salesiana de Humaitá. 1959.

HUGO, Vitor. *Desbravadores*. V. 2. Humaitá, AM. Edição da Missão Salesiana de Humaitá. 1959.

LIMA, Abnael Machado de. *Porto Velho: de Guapindaia a Roberto Sobrinho 1914-2009*. Porto Velho, RO. Prefeitura Municipal, Fundação Cultural Iaripuna, IPARY. 2012.

MENEZES, Eron Penha de. *Retalhos para a História de Rondônia*. Porto Velho, RO. Rondofarms. 2001.

NERI, Marcelo Cortês (coord.). *Novo Mapa das Religiões*. Rio de Janeiro, RO. FGV/CPS.2011. Disponível em: www.fgv.br/cps/religiao. Acesso em 07 set.2013.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. *A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e o Surgimento da Cidade de Porto Velho*. In: *Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: História, Prosa e Verso*. Porto Velho, RO. IARIPUNA/IPARY. 2012.

OLIVEIRA, Joanyr de. *As Assembleias de Deus no Brasil: Sumário Histórico Ilustrado*. Revisão Judson Canto e Israel Araújo. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ. CPAD. 1998.

REVISTA ULTIMATO. *O Crescimento Assombroso das Assembleias de Deus no Brasil e Suas Razões*. Ed 331. Viçosa, MG, Julho/agosto 2011. Capa. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/revista/artigos/> Acesso em: 07 set. 2013.

SILVA, Amizael Gomes da. *Amazônia Porto Velho: Pequena História de Porto Velho*. Porto Velho, RO. Palmares. 1991.